

## **A geografia e a literatura: uma reflexão\***

Diva Aparecida Machado Olanda\*\*  
Maria Geralda de Almeida\*\*\*

### **Resumo**

Este artigo propõe uma aproximação entre Geografia e Literatura. O objetivo é discutir e descobrir os elementos convergentes entre a Geografia e a Literatura, de modo que os elos entre estes dois campos do saber vislumbrem uma aproximação para posteriormente sugerir a Literatura como fonte de investigação geográfica. A fundamentação teórica centra-se na perspectiva da abordagem cultural na Geografia. Portanto, esta discussão recorre à cultura, aos valores e à subjetividade humana para compreender as relações do homem com o meio de existência. Aqui a literatura é considerada representação da realidade. Representação é vista como o processo de apreensão do real.

**Palavras-chave:** Geografia cultural. Literatura. Representação Social.

Geography and literature: a reflection

### **Abstract**

This article intends to approach Geography and Literature. The main goal is to debate and find out converging features of

---

\* Trabalho inspirado nas discussões teóricas da dissertação de mestrado intitulada “As representações de Paisagens culturais do espaço goiano em obras carmobernardianas”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais / UFG, em 2006.

\*\* (divaolanda@gmail.com).

\*\*\* Universidade Federal de Goiás – PPGG / Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (mgdealmeida@gmail.com e galmeida@iesa.ufg.br).

Geography and Literature in a way that links both fields to allow literature to be a source of geographical investigation. The theory-basis focus on a cultural approach to Geography. Therefore this discussion runs around culture, value and human subjectivity to understand the relations between human beings and the environment. Here literature is considered as representation of reality. Representation here is seen a process of absorption of reality.

**Key words:** Cultural geography. Literature. Social

### **Introdução**

Nos últimos anos, devido à busca de novas formas de compreensão da realidade, o impulso e o empenho crescentes em atender e replicar às questões atuais presentes na ciência, fortaleceu a aproximação entre a Geografia e a Literatura. Aos geógrafos abre-se um leque de caminhos para tal realização. Um desses caminhos é a abordagem cultural na Geografia que propõe a cultura como uma das vias para compreender as relações humanas entre seus pares e com o meio e a sua influência na organização espacial.

No contexto dessa abordagem a leitura e a interpretação de obras literárias tornam-se, para o geógrafo humanístico objetos de investigação, pois revelam e informam sobre a condição humana: os estilos de vida, as características sócio-culturais, econômicas e históricas e os diferentes meios físicos de determinada área retratada. Nessa acepção, reconhece-se a obra literária como documento de certa realidade, por situar coletividades ou indivíduos de determinado lugar. Com suas criações os escritores refletem uma visão de vida, de espaço, de homem e de lugares de uma determinada sociedade em certo período. Assim posto, as obras literárias revelam-se fontes para a compreensão da experiência humana. Estudos realizados por Wanderley (1998),

Lima (2000), Monteiro (2002) são referências importantes para esse campo de pesquisa dentro da Geografia, no Brasil.

As indagações que impulsionam a presente pesquisa imbricando Geografia e a Literatura são: é possível desvelar a relação do homem com o meio de sua vivência por intermédio da literatura? Apreender eventos pela subjetividade artística materializada na obra literária, possibilita conhecer aspectos sócio-espaciais de determinada sociedade? As possibilidades de respostas para tais questões se efetivam por meio da abordagem cultural na Geografia que se fundamenta na Geografia Humanística.

O ser humano sempre esteve presente nas investigações geográficas, todavia estas se fundamentavam na perspectiva humanista a qual buscava alargar o conceito de indivíduo humano, ou seja, procurava-se ampliar a visão de pessoa humana, as suas ações e seus produtos. O viés humanístico avança no sentido de investigar como as atividades humanas e os fenômenos geográficos podem revelar a qualidade da conscientização humana em relação ao meio em que vive.

A palavra Humanística apareceu primeiramente na Geografia, conforme Mello (1990) num texto de Yi-fu-Tuan em 1967. Na década seguinte estudiosos como Relph (1970), Buttimer (1974) Ley (1978) propõem estudos sob a perspectiva da experiência vivida. Buttimmer em 1974 lança o ensaio *Values in Geography* focalizando os valores das experiências humanas.

Em 1976 com a publicação de *Humanistic Geography* de Tuan na *Annals of the Association American Geographers*, o termo é reconhecido e difundido e torna-se abundante a produção dessa vertente no hemisfério norte. Na mesma edição de *Humanistic Geography* de Tuan na *Annals of the Association American Geographers*, Buttimer com o texto "*Grasping the dynamism of lifeworld*" traz a reflexão sobre o mundo vivido. Para essa autora:

os geógrafos podem continuar a explicar as dinâmicas do "mundo" mas ainda permanece o desafio de apreender as suas inter-relações. [...] O mundo vivido, na perspectiva geográfica, poderia ser considerado como o substrato latente

da experiência. O comportamento no espaço e no tempo seria observado como os movimentos superficiais do *iceberg*.

Para Tuan a Geografia é o estudo da Terra como lar das pessoas no qual os homens em todos os lugares procuram entender a natureza de seus lares e, a Geografia Humanística “procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar” (TUAN, 1982, p. 143 ).

Mello (1990, p. 102) destaca que nessa perspectiva o homem é visto como a simbiose de “ símbolos, signos e significados (com) partilhados socialmente. A geografia Humanística busca entender as relações do homem com o meio vinculando experiência e meio, isto é, o espaço vivido mediado pelo lugar. Esse mesmo autor enfatiza que “o mundo vivido é a consciência e o meio ambiente íntimo de cada um, emocionalmente modelado e revestido de eventos, relações, ambigüidades, envolvimentos, valores e significados”. No pressuposto de que as vivências que dão significado às relações do homem com o meio vislumbra-se que “as experiências nos locais de habitação, divertimento, estudo e dos fluxos transformam os espaços em lugares, carregam em si experiência, logo, poesia, emoção sensação de paz e segurança dos indivíduos que estão entre os seus” (MELLO 1990, p.100). Lugar é o lar, podendo ser a casa a rua, o bairro, a cidade ou a nação.

Gomes (1996, p.314) ressalta que na corrente humanística a arte é considerada “como o elemento de mediação entre a vida e o universo das representações”. Tissier (1991 p. 237)<sup>1</sup> vai além e diz: “a literatura é uma geografia mais humana”.

Esses fatores e desafios nos impelem para a realização desta discussão que está organizada em três partes: Os (des)limites entre

---

<sup>1</sup> As traduções neste artigo foram feitas de forma livre pelas autoras. Texto: TISSIER. Jean-Louis Géographie et Littérature. In: BAILLY, A.; FERRAS, R.; PUMAIN, D. (orgs). **Encyclopédie de Géographie**. Paris: Econômica, 1991. “La littérature est une géographie très humaine”.

a Geografia e a Literatura, as convergências entre a Geografia Cultural e a Literatura e, por fim, descortinando a “Literatura geográfica”.

### **Os (des)limites entre a geografia e a literatura**

Os diversos campos do saber, a religião, a arte, a filosofia e a ciência convergem para um único ponto: a apreensão da realidade, resguardadas, claro, suas peculiaridades investigativas e metodológicas. A ciência geográfica atual procura novas alternativas de apreensão do espaço geográfico, especialmente, a abordagem cultural na Geografia se lança com novas perspectivas nos estudos sócio-espaciais. Uma dessas perspectivas é a compreensão da realidade a partir da influência da cultura na produção do espaço, assim como a significação da espacialidade vivida. Desse modo, credita-se à Literatura, que coexiste como modalidade da arte e como constituinte da cultura, a possibilidade de ela intermediar a compreensão da relação do homem com o meio por ele produzido e valorado.

Os estudos de obras literárias sob perspectivas geográficas não são recentes. Entre os geógrafos franceses, desde os anos de 1940, já emergiam idéias de resgatar aspectos geográficos em romances, contos, poesias e crônicas. Reconhece-se atualmente, a literatura como documento social, como esclarece Claval (1999, p.55):

o romance torna-se algumas vezes um documento: a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber a região pelos olhos dos personagens e através de suas emoções. Os trabalhos sobre o sentido dos lugares e sobre aquilo que a literatura ensina a este respeito são numerosos no mundo anglo-saxão desde o início dos anos 1970.

Essa reflexão integra uma pesquisa mais ampla que consiste na apreensão de aspectos geográficos em **Memórias do Vento** e **Jurubatuba**, de Carmo Bernardes, obras classificadas de regionalistas.

Coutinho (1995), ao fazer referência à arte literária, expõe diferenças dentro da literatura regional e afirma que há duas

manifestações de regionalismo: num sentido amplo afirma ele, toda arte é regional quando possui uma região determinada como pano de fundo. E, num sentido mais restrito, a obra para ser classificada como regional deve não somente ser localizada regionalmente como também deve substanciar-se do real desse local. Ele explicita:

Essa substância decorre, primeiramente, do fundo natural; clima, topografia, flora, fauna etc. como elementos que afetam a vida humana na região; em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Este último sentido é o regionalismo autêntico (COUTINHO, 1995, p.202).

Os romances **Jurubatuba e Memórias do Vento**, exemplificados neste texto são de Carmo Bernardes. Este autor situou nos respectivos romances o universo rural goiano na década de 1950 e o cotidiano do homem comum e pobre na cidade de Goiânia nos anos 1970. No romance **Jurubatuba**, por exemplo, as peculiaridades naturais como a topografia e a vegetação entram na composição da ambientação do romance. São elementos identificadores da região do cerrado goiano e dá a noção do lugar geográfico (Monteiro, 14, 2002). Como se pode reconhecer no trecho seguinte:

Esquisitos certos lugares por esses sertões de mundo por onde andei. Ali, quem vai depara com aquela serra, que é das mais despenhadas e, quem não conhece tais paragens, prepara-se para subir muito, esperando que depois vai descer outro tanto. Em cima, no entanto, estranha porque em vez de descida, entra num plaino de buritizal, muita vereda de água limpinha e, às vezes, terra preta. (BERNARDES, 1979, p. 162).

Por este trecho descritivo do “fundo natural” do Cerrado recorrente nos seus escritos e, pelo fato de Carmo Bernardes ter enraizado e vivenciado o universo sertanejo goiano, reforça-se o argumento da natureza regionalista de seus romances.

Almeida (1985, p. 24) ressalta sobre a criação regionalista: “Tira temas do seio da massa rústica, analfabeta, busca-os nas

fimbrias paisagísticas e geográficas, onde o elemento humano é o ponto capital”. Ela enfatiza que o povo, os nossos problemas, o nosso modo de viver e de ser é o que vivifica o regionalismo literário brasileiro. Como é o caso, **Memórias do Vento**, por exemplo, no qual o modo de viver do goianiense que conserva a ruralidade torna-se a ambientação:

Usos e costumes da roça são conservados e, quando fico no terreiro de manhã, entretido vendo o povo passar para o serviço reparo essas coisas. [...] A nossa convivência é em grupos separados, como é o sistema de gado criado solto no campo, que cada manada tem seu logradouro habitual, só se misturam tocados para o curral. Gente na roça, também é assim, tem seus companheiros certos, formam vizinhanças, que os sociólogos chamam de comunidade (BERNARDES, 1986, pp. 39-40).

Lima (2000) capta o aspecto geográfico na literatura regional pelo prisma de espaço vivido. Para esta autora,

Através das obras de cunho regionalista, podemos analisar o poder de visualização de um quadro ou situação de um dado momento mediante a percepção do escritor, fundamentado talvez em suas memórias. Impressões, observações dos lugares em que viveu ou simplesmente, atravessou enquanto viajante, chegando então mais próximo da compreensão do espaço vivido (LIMA, 2000, p.26).

O espaço vivido composto pelo habitar um dado espaço e pelas relações de amizade compõe o espaço romanesco de **Memórias do Vento** e recebe destaque:

Moramos aqui num alto descampado, e como nessas altitudes não há correntes dominantes, a ventania sopra de todos os quadrantes, a poeira e as emanações da cidade nos castigam o tempo todo. Resignamos-nos a isso de bom grado, tolhidos pelo fatalismo de proletários submissos.[...] O seo-Romão é de nossa estima, senhor de idade avançada, já está com os olhos enlibrinados, catacego de tudo, mas é pessoas de muitos cabedais (BERNARDES, 1986, p. 10-12).

Tissier (1991, p. 236 ) comenta que o reencontro da Literatura com a Geografia está nas leituras de obras literárias feitas pelos geógrafos e afirma sobre a criação literária pode se estritamente geográfica pois, “o texto se refere a um lugar preciso; temático, ele se vincula à paisagem, ao conteúdo humano ou social; epistemológico, o leitor atualiza o sentido dos lugares, as representações”<sup>2</sup>. O mesmo autor reconhece como pano de fundo da arte, o lugar, o conteúdo humano, o cotidiano e as representações. Ressalta que o lugar e as experiências humanas se manifestam particularmente na Literatura e a corrente da geografia humanística, pois:

A abordagem enfatiza o estudo dos lugares como sítios de experiência humana, individual ou coletiva, experiência que se traduz por valores particulares. Eles manifestam-se nas suas obras de arte, em particular na literatura. A literatura é o grande depositário das relações como discursos ou como vínculos estabelecidos entre o homem e a terra. A obra faz do objeto uma leitura existencial que se liga aos enunciados que exprimem qualidade, a variedade, a generalidade dos sentimentos, das representações, das imagens que se elaboram entre o homem e o mundo (TISSIER, 1991, p. 237).<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Le choisir peut être strictement géographique : le texte est référé à un lieu précis; thématique, il s’attache au paysage, au contenu humain ou social; épistémologique, le lecteur veut mettre à jour le sens des lieux, les représentations ( TISSIER, 1991, p. 236).

<sup>3</sup> Le courant de la géographie humaniste [...] La démarche met l’accent sur l’étude des lieux comme sites de l’expérience humaine, individuelle ou collective, expérience qui se traduit par ses valeurs particulières. Celles-ci se manifestent dans le oeuvres d’art, en particulier dans la littérature. La littérature est le grand recueil de ces relations-en tant que discours et en tant rapport établies entre l’ homme et la terre. L’oeuvre fait l’objet d’une lecture existentielle, qui s’attache aux énoncés qui expriment la qualité, la variété, la généralité des sentiments, des représentations, des images qui s’elaborent entre l’homme et le monde (TISSIER, 1991, p. 237 ).



Conforme atesta Almeida (1985), Coutinho (1995), Tissier (1991) e Lima (2000) sobre a fonte e o subsídio da literatura regional, as “substâncias naturais e sociais” de determinado espaço e o “espaço vivido” aparecem como elementos comuns entre a Literatura e a Geografia. Percebe-se um entrelaçamento entre ambas no que tange ao desvelamento do “homem e suas experiências na sua relação com o meio de sua existência”.

Essa ligação pode ser entendida a partir do viés humanístico na Geografia. Na opinião de Gomes, (1996), nos últimos anos, a influência do humanismo nas ciências sociais originou diferentes “famílias humanistas”, tendo como ponto de convergência a refutação ao modelo positivista. Para ele, “é uma tendência geral fundada sobre uma atitude e concepção que pode ser interpretada de diferentes maneiras” (GOMES, 1996, p.307).

Gomes (1996) e Mello (1990) destacam importantes características da Geografia Humanística. A primeira é a visão antropocêntrica dominante, a qual o homem é a medida das coisas e a subjetividade do saber. A compreensão e aceção do espaço como lugar, tecida pela integração entre o espaço e os valores, significações, atribuídos pelo Homem é outra característica. Uma terceira apontada é a postura holística, no sentido de uma visão totalizante, a partir da ação humana contextualizada. Por fim, ainda, a compreensão de cultura como “atribuição de valores às coisas que nos cercam” como outra determinante da abordagem. A adesão ao método hermenêutico, a diversidade de pontos de vista e a consideração da arte como elemento de mediação entre a vida e o universo das representações também sobressaem na corrente humanística.

Essas características expõem o arcabouço da corrente Humanística e demonstram o vasto campo de temáticas, caminhos, pressupostos e tendências que os geógrafos dessa perspectiva podem percorrer, enveredar ou recorrer. Devido ao leque de modelos adotados, ao amplo campo de investigação decorrem, na perspectiva humanística resultado variados e diversificados.

Para Mello (1990) a Geografia Humanística tem a experiência vivida como fundamento e o seu objetivo é o de interpretar o sentimento e o entendimento dos seres humanos a respeito do espaço e do lugar. Em relação ao geógrafo ele assinala que “o geógrafo humanístico tem como tarefa interpretar a ambivalência e a ambigüidade e complexidade da consciência dos indivíduos e/ou grupos sociais a respeito do meio ambiente” (p.102). Dessa maneira, há destaque, na perspectiva humanística, para a dimensão experiencial e o aspecto interpretativo, pois o lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas por isso é o centro de valor e sentido para a abordagem Humanística.

Holzer (1996 p. 8 ) define essa Geografia Humanística como “a idéia de uma disciplina centrada no estudo da ação e imaginação humanas e na análise objetiva e subjetiva de seus produtos”. Ballesteros (1992) assinala que a inspiração humanística defende o estudo integrado do homem, incluindo seus sentimentos e pensamento. Os pensamentos dos autores citados acima apresentam convergência sobre vários elementos intrínsecos à abordagem humanística. Destacam-se a questão do vivido, da subjetividade e da interpretação como fundamentais para essa via de investigação geográfica. No esforço e no empenho de definir a Geografia Humanística, verifica-se como ponto comum a visão e a procura da compreensão da totalidade do Homem e de tudo que o cerca.

Do processo reacional de onde se resgata a Geografia Humanística, manifestam-se várias correntes, com fundamentos e concepções particularizadas. Uma delas é a denominada Geografia Cultural que, segundo Corrêa e Rosendahl (2003, p.9) “é um significativo subcampo da geografia”. Claval, (2003, p.147) denomina-a como “uma abordagem cultural na Geografia”. Wagner e Mikesell (2003, p.27) ponderam e a definem como “a aplicação da idéia de cultura aos problemas geográficos”.

As duas últimas concepções se assemelham e são aquelas que adotamos. A Geografia, como ciência social ganha outros

enfoques interpretativos ao aplicar a cultura aos seus diversos campos.

Ao tratar da diversidade presente na Geografia Cultural, Corrêa e Rosendahl (2003) acentuam que a Geografia Cultural visa contribuir para dar inteligibilidade à ação humana sobre a superfície terrestre por inúmeros caminhos. E explicitam:

Nesses caminhos podem ser considerados tanto a dimensão material da cultura como a sua dimensão não-material, tanto o presente como o passado, tanto objetos e ações em escala global como regional e local, tanto aspectos concebidos como vivenciados, tanto espontâneos como planejados, tanto objetivos como intersubjetivos. O que os une em torno da Geografia Cultural é que esses aspectos são vistos em termos de significados e como parte integrante da espacialidade humana (p.13, 14).

Para Claval (2003), cuja obra sobre geografia cultural é vasta, a abordagem cultural na Geografia não distingue do exposto pelos autores acima citados, pois considera que ela busca compreender a relação do homem com o meio via aspectos materiais e não materiais, concebidos como significante e parte integrante da espacialidade humana. Sua postura é esclarecedora:

[...] para a maioria dos geógrafos culturais, a geografia cultural aparece como um subcampo da geografia humana. Para eles, a sua natureza é semelhante à da geografia econômica ou da geografia política. Para uma minoria – e eu faço parte dela – todos os fatos geográficos são de natureza cultural. Esses geógrafos preferem falar de abordagem cultural na geografia e não de geografia cultural (p. 147).

A Geografia e a Literatura cruzam-se, então, na dimensão de um enfoque cultural sobre o espaço e o ser social, independente de tê-lo como objeto, sujeito, manifestação ou como uma abordagem. Cabe, portanto, detalhar suas aproximações.

### **As convergências entre a Geografia Cultural e a Literatura**

Um dos últimos processos de renovação teórico-metodológico na Geografia, especialmente na Geografia Cultural, iniciou-se com a redefinição de padrões influenciada pela industrialização crescente e pela acelerada urbanização. Desta redefinição emergem novas paisagens, novas relações sociais, novas noções de identidade individual ou coletiva e, por fim, um desencadeamento para um novo rearranjo sócio-espacial. Tais mudanças são marcos que determinaram e/ou influenciaram os aspectos de consumo e modos de vida, os valores e relações intra e interpessoais e as ciências. No campo cultural, ocorre um resgate das particularidades culturais e conseqüentemente, um processo de valorização da cultura conhecido mundialmente, como “a virada cultural”.

Nesse contexto, a partir das décadas de 1970 e 1980 o homem é visto como uma mesclagem de várias dimensões: a social, a espacial, a afetiva, a política, a cultural, a econômica, entre outras, que constroem o ser único. Para compreender esse homem na sua totalidade, necessário se faz apreender mentes e pragmatismos existentes.

Esta concepção de homem, de certo modo, não estava contemplada nas abordagens geográficas anteriores a 1970, feitas no Brasil. Além disso, as formas de tratar o objeto não estavam conseguindo dar respostas às necessidades e às angústias dos homens, devido aos limites e às dificuldades do método utilizado, o lógico positivista, especialmente no que tange às questões de cunho social. Esse modelo, leia-se Geografia Quantitativa, começa a ser criticado por sua teoria, método e seu caráter ideológico e utilitarista, pautado no racionalismo moderno, raciocínio científico e na celebração da técnica. Gomes (1996), ressalta que predominava na década de 1970, em nosso país, a Geografia Positivista e “esta era uma geografia sem Homem”, caracteristicamente quantitativa, reducionista e mecanicista. Este autor atribui à escola vidaliana a origem da Geografia Humana e

destaca o resgate do humanismo com a Geografia Humanística a partir de 1970, como reação radical à Geografia Positivista.

Durante as décadas de 1970 e 1980, quando em todo mundo ainda se absorviam as transformações iniciadas ao longo dos últimos trinta anos, no seio da Geografia Cultural ocorre uma renovação nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil. Esse processo de renovação e revalorização na Geografia Cultural irrompe-se por fatores externos à mesma. Fatores com dimensões mundiais como a valorização da cultura, o movimento ecológico, o fim da guerra fria, o desenvolvimento tecnológico e as novas formas de ativismo social, dentre outros. Posteriormente, houve fomento de críticas no interior da ciência geográfica acerca dos seus fundamentos, visto que, crescia a consciência da necessidade de novos modos de conhecer e compreender a realidade. Além desses fatores, os legados Sauerianos e Vidalianos, as filosofias do significado, a fenomenologia e as relações ocorridas entre a Geografia Cultural e as humanidades, impulsionaram e influenciaram de modo marcante todo o processo de renovação dessa corrente geográfica.

Essa Geografia, denominada de Nova Geografia Cultural, por oposição àquela desenvolvida pelo Sauer, considera o Homem e suas experiências com o meio, vinculando espaço-lugar-cultura-significado-identidade e cotidiano como centro de sua análise. Para alguns autores ela seria uma geografia social. Claval (1997) ao referir-se à nova visão da Geografia Cultural esclarece que ela está associada à vivência humana e suas interações com a terra, à natureza e o ambiente e estuda a maneira pela qual os humanos os modelam para responder às suas necessidades, a seus gostos e às suas aspirações. Ela empenha-se, ainda, em compreender o processo humano de construção de identidade e realização individual e coletiva.

Segundo Corrêa e Rosendahl (2003) a nova Geografia Cultural, no início da década de 1990, “vive” uma grande efervescência na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil, com criações de periódicos relacionados à Geografia e à Cultura. Há, no

interior dessa corrente de pensamento, uma busca de novos paradigmas e temáticas que respondam e correspondam às exigências da sociedade atual, como também a de redefinir conceitos, elaborar e organizar sistemas explicativos.

Cosgrove (2003) salienta que para essa Geografia a cultura ocupa uma centralidade devido ao seu empenho de compreender o mundo vivido de grupos humanos. Esse pensamento é compartilhado por Mello (1990, p.92), quando assim assinala: “com base na experiência vivida a Geografia Humanística objetiva interpretar o sentimento e o entendimento dos seres humanos a respeito do espaço e do lugar”. Monteiro salienta que “para uma geografia cada vez mais antropocêntrica importa mais o homem verdadeiro e inteiro, o homem humano-universal” (p.15).

A perspectiva cultural na Geografia reconhece a centralidade da cultura humana (totalidade e universalidade) ao focar o homem inteiro por intermédio das suas relações sócio-espaciais e a experiência cotidiana com o meio de sua existência. E também, ao propor investigar os sentimentos, as representações e as aspirações humanas e, ainda, como o homem se vê e como constrói sua identidade. Essas posturas explicitam a visão e os objetivos desse viés da ciência geográfica.

A Geografia Cultural construiu seu arcabouço teórico-metodológico a partir da concepção de pesquisa como sendo o captar do significado dos fenômenos e da aceção de ciência como a compreensão dos fenômenos em suas diferentes manifestações contextualizadas e particularizadas. Nessa abordagem prioriza-se o sujeito sobre o objeto, ou seja, valoriza o sujeito, a subjetividade e a experiência, alicerçada na visão de Homem como ser integral e em construção.

Essa nova Geografia Cultural estruturou-se aderindo e incorporando em si elementos da Fenomenologia e da Hermenêutica. Elegeu cultura, lugar, territorialidade identitária, paisagem, representação e significado como categorias importantes que lhe dão reconhecimento e particularidade próprias. A vida

humana é cara para a investigação da Geografia Cultural haja vista a vida ser uma experiência espacial que necessita ser interpretada.

Por conta da sua abordagem, os atributos sócio-espaciais como os laços, a agradabilidade, a afetividade, o sentimento de pertencimento e os símbolos espaciais oriundos da relação do homem com o meio, para a Geografia Cultural, todos são elementos para o pesquisador investigar e apreender o mundo vivido. Experiência vivida que se desenvolve num local, numa cultura e ambiente natural específicos. Conforme exemplifica Claval (1997, p.93), “os movimentos do corpo constituem uma experiência direta do espaço” e, portanto, as sensações são uma apreensão do real.

Este autor (2002) propõe que para enveredar pela abordagem da cultura na Geografia, é essencial extrapolar o visível, o material, reconhecendo que, simultaneamente, às lógicas econômicas, sociais ou políticas, há as representações de signos e símbolos pelos quais apreendemos o mundo. A apreensão da realidade é comunicada por intermédio da linguagem que é um signo. Nessa perspectiva, no seio da “nova” Geografia Cultural emergem palavras-chave como representação, símbolos, identidade e a redefinição de cultura, ampliando o diálogo com ciências próximas como a Antropologia, Sociologia, e Psicologia Social entre outras.

A Psicologia Social ampara a compreensão e fundamentação desses novos conceitos. No presente caso Moscovici (2003) respalda a compreensão sobre representação que orienta essa discussão. Assim ele explicita sobre as representações:

devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que tem como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de forma significativa. Elas sempre possuem duas faces, que são interdependentes, como duas faces de uma folha de papel: a face icônica e a face simbólica. Nós sabemos que: representação = imagem/significação (p. 46).

A representação na abordagem cultural na Geografia é vista como um processo comunicacional e de conhecimento, comportando, vários elementos como: da reprodução, da relação, da percepção, da abstração, da imagem e do significado. Ela é “expressão do real”, resultante da interação de conhecimentos, emoções, imagens e práticas individuais e coletivas imbricadas por símbolos, os valores, as idéias e a visão de mundo. A compreensão desse conceito contribui para a investigação da imaterialidade presente no espaço romanesco. A linguagem literária assim considerada é, portanto, uma representação, dado que utiliza a linguagem escrita para expressar e comunicar a experiência humana. Nesse sentido, Lefebvre (1980) sugere:

[...] que a linguagem literária possa de uma certa maneira refletir, na sua estrutura, os objetos, as idéias, as sensações que comunica, que ela possa de algum modo imitar o seu conteúdo. Nem por isso, porém a obra deixa de repousar sobre uma realidade pré-existente, nem a função da linguagem de ser [...] comunicar a outrem essa realidade. [...] A obra representa o mundo, mas é também uma visão do mundo e, finalmente, uma ‘tomada de posição’ sobre o mundo (p.17, 18).

A linguagem literária comunica pois, aspectos da realidade ou fatos e tempos da experiência humana. Ela revela a visão e o posicionamento do escritor frente ao mundo.

Colaboram com esse pensamento Bouerneuf e Quellet (1976, p.29-30;32) quando afirmam que no romance “o romancista coloca-se entre o leitor e a realidade que lhe quer mostrar e interpreta-a para ele [...]. De modo geral , o romance atua sem cessar na fronteira ambígua do real e da ficção”.

Há escritores que reconhecem o entrelaçamento entre realidade e ficção na literatura como frisa Bordini (1995) sobre a convicção de Érico Veríssimo. Segundo ela, o autor afirmava: “o repertório e as estratégias envolvidos no fato literário são pedaços de vida, que antes de serem a obra já estiveram em outras mãos sendo impregnados da experiência humana[...]” (p. 33). Outro



autor convencido da ligação de sua literatura com a realidade é Carmo Bernardes, o qual explica a Maria e Silva em entrevista “toda a minha literatura é um mosaico de fatos ocorridos comigo, minha família, perto de mim ou do meu conhecimento. Junto esses fatos e faço a transfiguração artística. Todas as coisas que já escrevi são baseadas na realidade” ( Opção, dez, 1995, c1-c3).

Lima (2000), no empenho de relacionar Geografia e Literatura, destaca que

Muitas manifestações nacionais no campo das Letras estão impregnadas do que poderíamos chamar de caráter geográfico, ao relatarem os estilos de vida, as características sócio-culturais, as estruturas econômicas, agrárias, como a diversificação do meio físico do país através dos diferentes momentos de sua história (2000, p. 19).

Essas reflexões revelam o reconhecimento de geógrafos, teóricos da literatura e literatos da profunda relação existente entre o escritor, a realidade, o leitor e a produção literária.

Esta face desveladora do romance é reconhecida por Bouerneuf e Quillet (1976, p. 230) ao afirmarem que “[...] o romance é o domínio fenomenológico por ‘excelência’, é o lugar para estudar a forma pela qual a realidade nos aparece ou nos pode aparecer”. Dada essa especificidade, a literatura tem sido relevante para a corrente humanística na Geografia no sentido de resgatar, valorizar e apreender a experiência humana do espaço vivido nas obras literárias.

Nesse sentido, Monteiro (2002), reporta-se à Pocock para explicar sobre um *continuum* entre a configuração da paisagem e à condição humana, ou seja, a vida, o existir humano, são figurados na Paisagem. Monteiro (2002) esclarece que, tanto a paisagem para o geógrafo e a escrita para o escritor, convergem para a “condição humana”.

Se por um lado, a Literatura reflete a realidade físico-humana por meio da dinamicidade da trama, a diegese para os teóricos da literatura, por outro, a abordagem cultural na Geografia coloca a Cultura e o Homem como centro para compreender a

construção do meio, repleto de significados e de processos que criam identidades. Vemo-nos assim diante dos elos entre a Geografia e a Literatura. Desvendar aspectos geográficos na literatura é o desafio a seguir.

### **Descortinando a “literatura geográfica”**

Monteiro aponta como denominadores comuns no princípio de aproximação entre a Geografia e a Literatura o lugar e o homem, imprescindíveis no saber literário e no geográfico. E vai além, reconhecendo que a essência transcende aos saberes científicos e admite que a arte literária pode ser instrumento de interpretação do mundo. A idéia de Bastos (1998) confirma o que temos refletido no tocante a literatura como representação da realidade e fonte de investigação geográfica. Esta autora afirma:

pode-se portanto, através da literatura, fazer uma leitura geograficamente possível da realidade, a qual não dará conta, jamais da totalidade, pois a representação – no caso , a literatura – é sempre parcial. Através de uma ousadia nas associações, pode-se aproximar arte e ciência (p. 58).

Conforme Lefebve (1980), a narrativa literária compreende as narrativas miméticas e diegéticas. O romance, a novela, o conto, a crônica englobam as diegéticas, cuja característica principal é a imitação indireta, ou seja, têm referências às coisas existentes. Para Reis e Lopes (1988), diegese é o universo do significado, o conteúdo narrativo, o “mundo possível” que enquadra, valida e confere inteligibilidade à história. As narrativas miméticas são caracterizadas pela imitação direta, como se dá no teatro. Seu maior exemplo é a ópera.

Narrativa para Lefebve (1980, p. 170 ) “é todo discurso que nos dá a evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado num espaço determinado, num tempo determinado”. Aguiar e Silva (1974), Lins (1976) Lefebve (1980) consideram a dimensão espacial e temporal como constituintes da ficção. Eles estão em consonância com os pensamentos de

Wanderley (1998), Lima (2000) e de Monteiro (2002), no tocante à representatividade da realidade humana: social, espacial e temporal na Literatura.

Segundo Lins (1976); Bouerneuf e Quellet (1976); Lefebve (1980); Reis e Lopes (1988), a ação, o tempo, o espaço são constituintes importantíssimos da narrativa. No espaço romanesco configura-se o aspecto geográfico que se busca. Isso é reforçado por Monteiro (2002, p. 94), para quem “é impossível dissociar a idéia de espaço daquela de tempo, admitindo-se os lugares como o espelho onde se encontram todas as imagens dessa magnífica dinâmica de associações e interações do homem com o seu habitat”. Nessa direção, há também na narrativa uma interdependência de espaço e tempo.

Bouerneuf e Quellet (1976, p.141) manifestam preocupação com o papel do espaço ao afirmar que “o espaço, quer seja ‘real’ ou ‘imaginário’, surge associado, ou até integrado, às personagens, como o está à ação ou ao escoar do tempo [...]”. Estes autores, também enfatizam que o romancista sempre oferece um mínimo de indicações geográficas. Isto demonstra a relevância dada por eles ao espaço e ao tempo na obra literária e reconhecem que “descrição” é uma operação realizada por uma seqüência de palavras que representa objetos simultâneos e justapostos no espaço e revela ainda, a relação do escritor com o espaço. Assim asseveram: “As imagens na descrição são os reveladores do invisível, por elas se faz a transmutação do cotidiano (1976, p.163).

Nas opiniões explicitadas confere-se a importância atribuída aos elementos espaço, objeto, imagem e a ênfase dada à dimensão “reveladora” da descrição e, a sua associação com a construção de imagens – paisagens. Pode-se concluir que estas “imagens-paisagens” são representações da realidade, reveladas pelo autor.

Dado o objetivo desse trabalho, o de investigar aspectos geográficos no texto literário, o instrumento utilizado é a interpretação. Com respaldo em Ricouer (1988, p.55) para quem

interpretar é “explicitar o tipo de ser- no- mundo manifestado diante do texto”, portanto, a interpretação capacita visualizar aspectos até então escondidos nas “imagens-paisagens” no romance. As palavras de Lefebve (1980 ) são compatíveis com o que temos refletido quando diz que a materialização da linguagem produz-se aos níveis fônico, gráfico, sintático e o semântico. “o que chamamos de materialização constitui no fundo, “um analagon” de tipo particular, no qual o espírito se apóia para formar conotações, que por seu turno, constituem todo um mundo de representações” (p.143- 144 ).

Nessa direção, o texto literário tem uma face representativa e, por conseguinte, está repleto de conteúdos, de modo que o geógrafo cultural necessita interpretá-lo e, nessa perspectiva, torna-o fonte de investigação geográfica. Ressalta-se que o processo interpretativo possui um caráter subjetivo, dado que “toda ação interpretante é uma relação entre uma representação presente e outras representações possíveis e o resultado dessa relação é o significado de uma linguagem” ( BASTOS 1998, p.56).

Existe, conforme procurou-se explicitar nestas reflexões respaldadas em alguns teóricos, a possibilidade de rica aproximação entre a Geografia e a Literatura e, por isso, escolheu-se os romances **Memórias do Vento** e **Jurubatuba** para uma investigação geográfica. Ao fazê-la as autoras assumem o entendimento do romance como um discurso da realidade, resultante de processos de vivências e experiências humanas, portanto, uma representação.

Os estudos desenvolvidos por Boerneuf e Quellet (1976), Lins (1976), Tissier (1991), Wanderley (1998), Monteiro (2002) convergem para a tese de que a Literatura é uma representação da realidade, dado que o escritor retira subsídios das experiências dele e da sociedade para a criação literária. Nessa compreensão, Wanderley (1998) enfatiza:

as obras literárias, especialmente o romance, possibilitam ao leitor conhecer e revisitar lugares, porque é da realidade concreta que o escritor retira elementos necessários à

construção do universo ficcional num processo de recriação da vida, no qual se evidencia a relação entre espaço e literatura” (p.23.).

No romance **Jurubatuba** o cerrado goiano é revisitado. Por exemplo, a fisionomia das veredas constituintes do cerrado, assim como, a topografia das chapadas compõem o cenário romanesco.

Segui num risco firme em direita ao poente, venci a chapada chata, ganhei um descambo ladeira abaixo, já avistando as cabeceiras do buritizal e sentido toda a melancolia. A vertente formava grotas entre a onda verde das lombadas e, com o andar, fui avistando a veredama que se estendia formosa e se encorpava ganhando distância de azular (BERNARDES, 1979, 237).

Percebe-se “noção do geográfico” presente nesse romance como Monteiro (2002), argumenta. Segundo ele

a “noção do geográfico” liga-se ao fato de que ela é aquilo que em seu dinamismo, representa a ‘condição humana’. A sua comunicação, o seu ‘tornar vida’, requer, forçosamente, a projeção dessa trama num dado espaço-tempo, um ‘palco’ – praticável, concreto – em que qualquer trama ‘humana’ está envolta de diferentes espaços relacionais: social, político, econômico, cultural, enfim” (p.24).

Nesse sentido também explicita Lima (2000):

Encontramos muitos escritores que através de suas narrativas, nos legaram páginas que constituem verdadeiros documentos histórico-geográficos dos tempos e espaços em que viveram. Estes relatos, em sua maioria trouxeram ao nosso conhecimento, ou do ponto de vista científico ou empírico, contribuições imensas e perspectivas novas de análises. Ao escreverem sobre os aspectos do mundo por eles vividos, deixaram como heranças, perspicazes registros das diferentes realidades percebidas nos vários momentos, tanto nos aspectos subjetivos como nos objetivos, isto é, nos concernentes às realidades interior e exterior (p.29).

Em **Jurubatuba** há registro da realidade sertaneja, das relações sociais e das atividades realizadas no sertão goiano na década de 1950. Vislumbra-se abaixo a presentificação da organização do espaço rural, na fazenda tradicional da época:

O ribeirão da Jurubatuba corre beiradeando a fralda duma serra a pique, fazendo volta campeira em que de um lado é uma ladeira despencada e do outro, um plaino quase varjão, onde justamente eram os apartadores da fazenda. A casa e o quintal enorme aí nos fundos, a rebaixa do engenho, o paiol de milho, a curralama e a casinha de despejo (BERNARDES, 1979, 76).

Na narrativa de **Memórias do Vento**, que tem seu cenário na cidade de Goiânia, pode-se identificar aspectos naturais do lugar retratado “Goiânia tem essa maldição: a ventania insuportável no mês de agosto” (Bernardes, 1986, p. 9 ). Nesse trecho reconhece-se os aspectos naturais, o espaço vivido e o substrato espacial do espaço romanesco: a cidade de Goiânia.

Diversas imagens e conteúdos da cidade de Goiânia são explícitos no espaço romanesco: “O trânsito estava muito congestionado na Avenida Goiás” (BERNARDES, 1986, p. 131); “Descambamos da rua 84 para o Areão”; ( BERNARDES, 1986, p. 134) Essas imagens representam as relações do homem com o espaço urbano, a organização espacial e as referências utilizadas para os deslocamentos dando-nos a conhecer o espaço vivido dos goianienses na década de 1980.

A avaliar pela imagem criada infere-se que a cidade de Goiânia apresenta naquela década problemas de trânsito e um sistema de transporte urbano bem organizado. Identifica-se também na narrativa **Memórias do Vento** as relações interpessoais e sociais nas quais afloram sentimentos de indignação, de solidariedade, de fraternidade e de topofilia. Como se pode observar abaixo:

Depois é que fui pensar e concluí que o sentimento do belo e a alegria de viver está na boa disposição dos indivíduos.o mundo é sempre um encanto, e Goiânia é bonita em toda

quadra. É só reparar com bons olhos e verá o quanto é linda a cidade (BERNARDES, 1986, p. 146).

### Considerações finais

Esse pequeno exercício tende a concretizar a capacidade conferida à literatura de ser instrumento de conhecimento geográfico ou de uma “literatura geográfica” que se fundamenta sobre três pilares. O primeiro baseia-se na concepção de que o romance é representação do real, ou seja, a trama romanesca representa “a condição humana”. Para Wanderley (1998), a trama romanesca corresponde à “recriação da vida” e para os teóricos literários corresponde à “diegese”. O segundo pilar se reveste da necessidade corpórea imanente ao ser humano. Esse aspecto de “corporeidade” se faz presente na noção de realidade geográfica presente no espaço romanesco, pois, ao comunicar a trama o “seu tomar vida” requer uma projeção num dado espaço e tempo. No terceiro pilar, ressalta-se que a “essência” do mundo extrapola o conhecimento científico e a literatura pode revelar essa “essência” e tornar-se “novos aspectos de “interpretação” e “um meio de enriquecimento” (MONTEIRO, 2002, p.15).

Para uma incursão entre a Geografia e a Literatura baseou-se nas premissas de que os aspectos geográficos se revelam no espaço romanesco e que, segundo uma das concepções sobre a Literatura, esta é uma representação da realidade. Pela leitura, interpretação e contextualização da obra literária, a partir das idéias e imagens contidas nos fatos, cenários e nos personagens da narrativa, é possível associar e conjecturar todos os elementos revelados na obra literária e descortinar aspectos sócio-espaciais, históricos e culturais da sociedade nele representada. Na perspectiva da abordagem cultural, entende-se que o ponto convergente entre ambas é **o lugar e o homem** e, é possível aproximá-las e, por conseguinte, tornar a Literatura uma fonte enriquecedora da investigação geográfica.

### **Referências bibliográficas**

- ALMEIDA, N.A. **Estudos sobre quatro regionalistas**: Bernardo Elis, Carmo Bernardes, Hugo de Carvalho Ramos, Mário Palmério. Goiânia: Ed da UFG, 1985.
- AGUIAR E SILVA, V.M. **Estrutura do romance**. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.
- BALLESTEROS, A.G. Las aportaciones de la geografía Humanística. In: **Geografía y Humanismo**. Madrid: 1992.
- BASTOS, A.R.V.R. Espaço e literatura: algumas reflexões teóricas. In: **Espaço e Cultura**, n 5, jan/jun; 1998.
- BERNARDES, C. **Memórias do Vento**. São Paulo: Marco Zero, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Jurubatuba**. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1979.
- BOEURNEUF, R.; QUELLET, R. **O universo do romance**. Tradução PEREIRA. J. C.S. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.
- BORDINI, M. da G. **Criação literária em Érico Veríssimo**. Porto Alegre: L&PM/ EDIPUCRS, 1995.
- BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. Rio claro: DIFEL, 1982.
- CLAVAL, P. tradução L. F.P. e M.C.A.P. **Geografia cultural**. Florianópolis: ed. da UFSC, 1999.
- \_\_\_\_\_. As Abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO. I.E. et al (orgs.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- \_\_\_\_\_. Campo e Perspectivas da Geografia Cultural. In: CORRÊA. R.L. et. al (orgs.). **Geografia Cultural: Um Século(3)**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.



- \_\_\_\_\_. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia. In: CORRÊA. R.L.; ROSENDAHL. Z. (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL. Z. Geografia Cultural: Introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA. R.L.; ROSENDAHL. Z. (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- COSGROVE, D. Em direção a Uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In: CORRÊA. R.L.; ROSENDAHL. Z. (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- COUTINHO, A. **Introdução à Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- GOMES, P.C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- HOLZER, W. Geografia Humanista: uma revisão. In: **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ/NEPEC, n. 3, dez, 1996.
- LEFEBVE, M. **Estrutura do discurso da poesia e da narrativa**. Coimbra: Almedina, 1980.
- LIMA, S.T. de. Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção da Paisagem. In: **Geosul**. Florianópolis, 15, nº 30, jul/dez, 2000.
- LINS, O. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.
- MARIA E SILVA, J. O Renascentista do Sertão. **Opção**, Goiânia, ano 1, n 3, c1-3, 10-16 de dez, 1995.
- MELLO, J. Geografia Humanística: A perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. In: **Revista Brasileira de geografia**. Rio de Janeiro, n.52 (54), out/dez, 1990.

OLANDA, D.A.M. & ALMEIDA, M.G. de. A geografia e a literatura: uma...

MONTEIRO, C.A.F. **O Mapa e a Trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.

REIS, C.; LOPES, A.C.M. **Dicionário de teoria narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

TISSIER, J. Géographie et Litterature. In: BAILLY, Antoine; FERRAS, Robert; PUMAIN, Denise (Sous la direction). **Encyclopédie de Géographie**. Paris: Economica, 1991.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.

WANDERLEY, V.M. Geografia e Poesia do Sertão Nordeste: Uma revisitação às trilhas romanescas de Ariano Suassuna. In: DINIZ, J. F et al. (orgs.). **Capítulos de Geografia Nordestina**. Aracaju: NPGEO/UFS, 1998.

Recebido em agosto de 2006

Aceito em junho de 2008